



EDUCAÇÃO SEXUAL: CAMINHOS PEDAGÓGICOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO ENSINO MÉDIO

Robson Guedes da Silva

Universidade Federal de Pernambuco
robsonguedes00@hotmail.com

Isabella Júlia Santana da Silva

Universidade Federal de Pernambuco
isabella.juliappf5@hotmail.com

Diogo Pedro da Silva Fernandes

Centro Universitário Joaquim Nabuco
dpsfernandes@outlook.com

Resumo: O intuito desse trabalho é analisar os desafios e reflexões encontrados na prática da educação sexual em uma Escola de Referência de Ensino Médio, localizada na cidade do Recife (PE), trabalhando com o público jovem, através de uma oficina pedagógica, questões pertinentes à temática em questão. Nessa direção tem o objetivo de dialogar sobre as dificuldades de trabalhar a educação sexual dentro do âmbito escolar, por parte dos professores, e, por parte dos próprios alunos pelo medo de falar sobre o assunto tanto com os pais quanto com os professores. Observa-se a necessidade da vivência dessa temática no cotidiano dos alunos, e percebe-se o quanto são necessários projetos, debates e oficinas que lhes estimulem o senso crítico, além de tirar dúvidas que surgem ao se falar do assunto. Nesse trabalho entende-se que a sexualidade se evidencia através das relações sociais e suas manifestações ocorrem em todas as faixas etárias, não havendo como reprimir ou negar suas manifestações dentro do ambiente escolar.

Palavras-chave: Escola. Educação Sexual. Sexualidade. Projetos Pedagógicos.

EDUCACIÓN SEXUAL: CAMINOS PEDAGÓGICOS DE GÉNERO Y SEXUALIDAD EN LA ENSEÑANZA MEDIO

Resumen: La intención de este trabajo es analizar los desafíos y reflexiones encontrados en la práctica de la educación sexual en una Escuela de Referencia en Enseñanza Media, ubicada en la ciudad de Recife (PE), trabajando con el público joven, a través de un taller pedagógico, cuestiones pertinentes a la temática en cuestión. De la misma forma el presente tiene el objetivo de dialogar sobre las dificultades de trabajar la educación sexual dentro del ámbito escolar, por parte de los profesores, y, por parte de los propios alumnos por el miedo de hablar sobre el asunto tanto con los padres como con los profesores. Se observa la necesidad de la vivencia de esta temática en el cotidiano de los alumnos, y se percibe cuanto son necesarios proyectos, debates y talleres que les estimulen el sentido crítico, además de sacar dudas que surgen al hablar del asunto. En ese trabajo se entiende que la sexualidad se evidencia a través de las relaciones sociales y sus manifestaciones ocurren en todas las franjas etarias, no habiendo como reprimir o negar sus manifestaciones dentro del ambiente escolar.

Palabras-clave: Escuela. Educación Sexual. Sexualidad. Proyectos Pedagógicos.

INTRODUÇÃO

A escola é tida como espaço hegemônico, composta dos mais variados alunos e equipe de professores, todos com suas particularidades e experiências cotidianas da vida. Neste mesmo ambiente que se aprende desde as ciências humanas até as equações mais complicadas da matemática, encontram-se também muitas vezes o preconceito e o desconhecimento ao se falar sobre sexualidade, assunto tão importante de ser experimentado nos aprendizados e atividades da escola é tão pouco trabalhado no dia a dia da mesma através do processo de educação sexual. Buscando compreender o que é sexualidade, percebe-se muitas vezes que a mesma é concebida por muitos como algo que possuímos “naturalmente”. Aceitando essa ideia perde-se o sentido argumentar sobre suas dimensões sociais, política ou a respeito de seu caráter construído. (LOURO, 2000). Fazemos, a partir desse pressuposto, alusão a Michel Foucault quando afirma que a sexualidade é um dispositivo histórico, ou seja, “uma invenção social” criada por discursos, normas, instituições e relações sociais que se encontram em determinados espaços e tempos históricos. Sendo, portanto, afirmada como:

[...] dispositivo histórico: não a uma realidade subterrânea que se apreende com dificuldades, mas a grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação do discurso, a formação do conhecimento, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias do saber e dos poderes. (FOUCAULT, 1988, p. 100).

Percorrendo esse caminho, buscando dados no Banco de Teses da Capes, fizemos um mapeamento das dissertações e teses na temática da educação e sexualidade humana a fim de saber como os estudos sobre a temática no mundo acadêmico propõem o processo da mesma no ambiente escolar. A busca indicou um total de trinta e oito trabalhos, sendo quinze na área de educação correspondente a 39% dos trabalhos encontrados, variando entre onze dissertações e quatro teses, a região com mais trabalhos publicados é a do Sudeste, tendo São Paulo como o estado com mais trabalhos. Nesse percurso, três trabalhos se ressaltaram e destacaremos os aspectos de mais pertinência entre eles.

O primeiro trabalho, de autoria de Elizane de Andrade se denomina: “Jogo do Strip Quizz”: Análise dos conteúdos pedagógicos de educação sexual em um quadro do programa

televisivo "amor & sexo". O segundo trabalho, que para nós mais se destacou, foi escrito por José Urbano Brochado Junior, denominado de: "Gênero em questão e vivências pedagógicas: Relatos de profissionais da educação".

O mais interessante desses dois trabalhos que colocamos em destaque foi perceber os elementos teóricos que irá compor cada um deles, o primeiro trabalho se nutre de um jogo de um programa televisivo na rede aberta para discutir como os alunos incorporam os conhecimentos adquiridos neste dito programa e trazem para sala de aula, e mais ainda, como as práticas pedagógicas poderiam ajudar a aprimorar esses conhecimentos e despertar a criticidade desses educandos. No segundo trabalho, vemos como o autor conversa sobre a importância da percepção dos profissionais da educação ligados as séries iniciais do ensino fundamental, quanto à construção da identidade de gênero dos alunos, o mesmo também se utiliza da Teoria Queer.

Por fim, o trabalho a se sobrelevar é denominado: "Os patamares de adesão das escolas à educação sexual", escrito por Priscila Carozza Frasson Costa, que se utilizou de oficinas de sexualidade através de um projeto de extensão para a elaboração do trabalho. Houve no decorrer do mesmo uma adesão dos educandos à proposta do trabalho, tendo assim uma formação consciente para a vivência da sexualidade e de conscientização para com o exercício da cidadania. Os trabalhos apresentados têm uma ênfase em propor projetos e oficinas pedagógicas que possibilitem novas percepções educacionais referentes à educação sexual. É possível notar, portanto, que a prática da educação sexual é mais que necessária no cotidiano escolar, pois favorece respostas as dúvidas do aluno, desperta seu senso crítico e o ajuda a compreender a si mesmo como sujeito afetivo. Da mesma forma a escola tem como desafio romper com as barreiras dos preconceitos e alienações, possibilitando deslocamentos que corroborem na construção de uma transformação social na atualidade.

A partir do pertinente levantamento e discussão das leituras das produções no banco de teses da Capes, este trabalho tem como objetivo propor, através de oficinas pedagógicas realizadas com alunos e professores de uma escola de referência em ensino médio de Recife-PE, as concepções sobre gênero, orientação sexual e sexo biológico, apresentados pelos alunos, e explicar as definições dessas temáticas a partir da percepção de Jacqueline Gomes de Jesus (2012), além de identificar os desafios e dificuldades encontradas no ensino da

educação sexual nesta unidade de ensino mais, precisamente, dentro das referidas temáticas, se propondo a relatar, através de oficinas pedagógicas, as concepções de gênero, orientação sexual e sexo biológico aos alunos, bem como identificar desafios e dificuldades no ensino da educação sexual no ambiente escolar por parte dos professores e explicar a compreensão da educação sexual sobre gênero, orientação sexual e sexo biológico aos alunos.

METODOLOGIA

Esta pesquisa qualitativa teórico-empírica se nutriu de duas oficinas pedagógicas: a primeira realizada com 20 (vinte) alunos do 1º ao 3º ano de uma escola de referência em ensino médio de Recife-PE, intitulada: “Conhecendo o plural”; e a outra realizada com 6 (seis) professores desta mesma unidade de ensino intitulada: “Educação sexual: compreendendo para melhor ensinar!”. Ambas foram desenvolvidas com base no livro: “Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos”, de Jacqueline Gomes de Jesus (2012).

Como afirma Rena (2014, p. 49;50) nos propomos na metodologia das oficinas pedagógicas

articular técnica/estratégias com a postura pedagógica crítico-transformadora, que viabilizaria a “dinâmica do grupo”, oferecendo as condições para construção de uma consciência de grupo. Esse sentimento de pertença a um grupo é necessário ao enfrentamento do desafio que significa rever valores, atitudes e normas da cultura, até então aceitos e introjetados. (grifos do autor).

Nelas foram discutidos os desafios de ensinar e aprender sobre educação sexual, mais precisamente nas temáticas sobre gênero, orientação sexual e sexo biológico. Também foi através dessas oficinas que se identificaram as dificuldades e desafios do ensino da educação sexual dentro da referida unidade de ensino, que elencaremos na sequência.

EDUCAÇÃO SEXUAL: UM DESAFIO NA ESCOLA

O assunto deste estudo é muitas vezes evitado dentro do espaço escolar. Por mais que os alunos estejam vivenciando dentro da escola o período de adolescência e juventude, fase propícia à descoberta do amor, do desejo e do outro como ser sexual, a escola muitas vezes se fecha a tratar a temática pertinente à Educação Sexual. No referido estudo assumimos como problema de pesquisa a seguinte questão: Quais as dificuldades e desafios encontrados no ensino da educação sexual? Como meio de responder o problema supra exposto, queremos dialogar sobre os vários fatores que muitas vezes impendem a prática da educação sexual no ambiente escolar. Observamos que:

A pesquisa “Perfil dos Professores Brasileiros”, realizada pela UNESCO, entre abril e maio de 2002, em todas as unidades da Federação Brasileira, na qual foram entrevistados 5 mil professores da rede pública e privada, revelou, entre outras coisas, que para 59,7% deles é inadmissível que uma pessoa tenha relações homossexuais e que 21,2% deles tampouco gostariam de ter vizinhos homossexuais. (UNESCO, 2009, p. 16).

Dessa ótica, mesmo não tendo este trabalho o foco específico no estudo da homofobia nas escolas e sim, na educação sexual e seus desafios no ambiente escolar, se observa e se reforça a importância e, ao mesmo tempo, a carência de uma educação sexual que possibilite melhor entendimento acerca dos debates de gênero e sexualidade, contribuindo assim na construção do respeito à diversidade humana, como, ainda, a necessidade dos educadores trabalharem temas como esses, tidos muitas vezes como complexos, principalmente em relação às orientações sexuais, como a homossexualidade. Concebemos nesta pesquisa, a educação sexual como um processo político e pedagógico, que deve ser pautado dentro de um debate democrático dando voz às demandas que sempre estão presentes nas reverberações sociais como as questões de gênero e sexualidade, possibilitando como frutos de sua ideação, uma potência produtiva de relações micropolíticas onde se construam instrumentos sociopolíticos que possibilitem a erradicação de preconceitos. Na abordagem sobre a educação sexual, pautada nos Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN (BRASIL, 1997) percebemos que

Não é apenas em portas de banheiros, muros e paredes que se inscreve a sexualidade no espaço escolar; ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela. (BRASIL, 1997, p.78).

Vemos ainda que o papel da escola muitas vezes é de legitimação para um não conhecimento da sexualidade em suas pluralidades, quando deveria ser o oposto, o PCN afirma que

A escola deve informar e discutir os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, buscando, se não uma isenção total, o que é impossível de se conseguir, uma condição de maior distanciamento pessoal por parte dos professores para empreender essa tarefa. (BRASIL, 1997, p. 83).

Os desafios, tanto da escola quanto dos professores, no processo de educação sexual é ampliar o leque de informações que possibilitem aos alunos a desconstrução de tabus e preconceitos que, muitas vezes, tenham com sua própria afetividade e sexualidade. Mas vale lembrar que, muitas vezes, antes de conscientizar o aluno é preciso conscientizar o próprio professor, é necessário prepará-lo para trabalhar essa temática em sala de aula, e também

é necessário que se estabeleça uma relação de confiança entre alunos e professor. Para isso, o professor deve se mostrar disponível para conversar a respeito das questões apresentadas, não emitir juízo de valor sobre as colocações feitas pelos alunos e responder às perguntas de forma direta e esclarecedora. (BRASIL, 1997, p. 84).

O aluno tem que se sentir à vontade com o professor para poder assim tirar suas dúvidas referentes ao assunto, mas para isso deve romper aquela antiga barreira que separa o professor do aluno e o aluno do professor. É preciso ter uma relação horizontal e democrática entre ambos, pois isso possibilitará o aprendizado mútuo e um convívio harmonioso dentro do ambiente escolar.

Historicamente, estereótipos sobre gênero, sexo e sexualidade foram de forma latente introjetados no dia a dia escolar, nos fazendo refletir sobre quanto preconceito a escola pode alicerçar ou já direcionou aos corpos que não se enquadram em suas regras e normas. Isso posto, entendemos que é preciso, nesse contexto, refletir sobre a importância de problematizar o currículo das unidades de ensino, visto que “o currículo é, entre outras coisas, um artefato de gênero: um artefato que, ao mesmo tempo, corporifica e produz relações de gênero”

(SILVA, 2005, p. 97). É relevante evidenciar que o currículo pode ser visto como um importante instrumento nas desconstruções dos preconceitos e estereótipos ou até mesmo na legitimação dos mesmos, visto que é notório e sabido que a escola, como aparelho ideológico do estado, reproduz as opressões contidas dentro dele no meio social. Perceber o currículo como um território de disputas, corrobora pensar práticas não pedagogizantes, práticas curriculares de desconstruções de estereótipos de gênero e sexualidade, permitindo aos corpos que pela escola historicamente não são aceitos, reverberarem discursos contra hegemônicos neste mesmo espaço, possibilitando perceber a importância da educação sexual nos debates cotidianos da escola no entendimento e respeito das variadas formas de habitar o mundo.

Essa intervenção político-discursiva permite o desprender-se de estereótipos e perceber o quanto a sociedade dita e constrói preconceitos. Os discursos que sucedem no cotidiano das relações de poder legitimam e, de certa forma, determinam o que deve ser considerado como normal, aceitável ou não. Podemos afirmar a partir disso que até o modo como nos vestimos, nos comportamos é determinado pela forma e força dos discursos. Como afirma Foucault (2014, p. 110), “o discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo”. Na esteira de Foucault, podemos afirmar que o mesmo efeito do discurso que produz preconceito, poderá, através de contradiscursos, ser o que o desconstrói. Vemos que, diariamente, no ambiente escolar, os discursos pedagógicos carregam etnocentrismos e variados preconceitos.

É a partir dessa reflexão que podemos questionar o papel emancipador imbuído à escola. Trazendo para as questões de gênero, observamos que a escola sempre produziu várias dicotomias e tais dicotomias legitimam preconceitos. Trazer as discussões de gênero e sexualidade para a realidade da escola, onde de forma mais latente esses preconceitos se legitimam, corrobora para um profundo diálogo democrático e problematizador para as questões de gênero e sexualidade na educação, sempre abordadas sobre um viés normativo, naturalizado e biologizante. Vários espaços sociais, inclusive a escola, são subsidiados de normas e regras de controle aos sujeitos nos diversos modos de habitar o mundo e, nesses espaços, corpos que não condizem com o que é e está prescrito nestes referidos contextos como normal ou homogêneo, são tratados de forma excludente.

Por isso queremos ressaltar que no processo de educação sexual, a relação escola-família é fundamental para o funcionamento dessa relação horizontal, visto que muitos dos processos de exclusão começam no cotidiano familiar, não obstante, o PCN compreende

[...] a ação da escola como complementar a educação dada pela família. Assim, a escola deverá informar os familiares dos alunos sobre a inclusão de conteúdos de Orientação Sexual na proposta curricular e explicitar os princípios norteadores da proposta. O diálogo entre escola e família deverá se dar de todas as formas pertinentes a essa relação. (BRASIL, 1997, p. 85).

Vendo a partir da colocação supracitada, ressalta-se a importância familiar no processo de educação sexual. Quanto a isso observa-se que na atualidade, mesmo com toda a mídia com suas influências e as redes sociais com seus abrangentes espaços, muitas famílias se retraem ao falar das temáticas de educação sexual que muitas vezes surgem e precisam ser discutidas no cotidiano familiar. Portanto é preciso mobilizar também os pais da importância da educação sexual e essa mobilização se dá através de uma interlocução entre a escola e a família.

AS DIFICULDADES DO ENSINO DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO AMBIENTE ESCOLAR

Quando no ambiente escolar nos deparamos com a prática do ensino da educação sexual, embora seja notado que esse ensino esteja ausente em muitas das escolas estaduais da Região Metropolitana do Recife-RMR atualmente, observa-se geralmente que os tópicos que constantemente se abordam com os alunos são: os das Infecções Sexualmente Transmissíveis ou como comumente chamamos: “ISTs”; a importância do uso do preservativo, a gravidez na adolescência e suas consequências e todo tipo de dúvidas referentes ao ato sexual. Não obstante, dificilmente observamos uma discussão sobre gênero, orientação sexual e sexo biológico para o conhecimento básico da educação sexual nas suas pluralidades dentro no ambiente escolar, mesmo sendo essas discussões muito pertinentes para a construção de novos saberes e como instrumentos de extinção de visões e ideias preconceituosas. Tal conversa é evitada muitas vezes, tanto pela falta de compreensão dos professores, gestores e

coordenadores sobre o abordado, quanto pelo receio de se tocar no assunto muitas vezes tido como complexo e polêmico. Laura Muller afirma que

As noções de educação sexual precisam estar presentes na escola como um todo, ou seja, no ambiente escolar de forma mais ampla, incluindo todos os funcionários. Esse é o time que toma decisões sobre como manejar a educação escolar. E esse time precisa ter noções sobre educação sexual da criança e do jovem para que a mesma se dê de forma coerente e a contento. (MULLER, 2013, p. 35).

Evidenciando isso como um dos desafios na prática do ensino da educação sexual nas escolas, ao indagar os 3 (três) professores participantes da oficina intitulada “Educação sexual: compreendendo para melhor ensinar!” sobre as dificuldades em ensinar e trabalhar as temáticas da mesma no dia a dia escolar, as repostas foram as seguintes:

A principal dificuldade para mim como educador em trabalhar essa temática é a carga horária excessiva, é proposta uma demanda e tenho que cumpri-la. (Professor A).

Para mim é o desconhecimento sobre a temática, além de ser muito polêmica, tendo a gestão da escola pedido para não trabalhar esses temas em sala de aula. (Professor B).

Acho que é a preparação que não tenho sobre o assunto, não se tem formação sobre esse tipo de tema, falo só sobre DST's e preservativo porque está dentro de temas da biologia, que é minha área. (Professor C).

Tendo em vista os aspectos acima observados pelos professores, questiona-se também a carga horária excessiva dos professores que estão em sala de aula, na equipe gestora e pedagógica, tendo, a partir disso, pouquíssimas formações continuadas nas gerências regionais de educação sobre o como trabalhar as temáticas de educação sexual de forma transversal e enriquecedora, evitando a emissão de juízo de valor e conceitos religiosos que por muitas vezes legitimam preconceitos. Podemos concordar, assim, com Guacira Lopes Louro quando observa que: “Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade a escola produz isso”. (LOURO, 1997, p. 57). Partindo dessa afirmativa, se constata muitas vezes as escolas despreparadas e, mais ainda, unidades de ensino que perpetuam visões errôneas das várias formas de expressividades no que se entende sobre educação sexual, produzindo assim desigualdades e legitimando preconceitos.

ENTENDENDO GÊNERO, ORIENTAÇÃO SEXUAL E SEXO BIOLÓGICO

Entender a sexualidade como um dispositivo histórico e não algo dado e natural a todo ser humano, abre a necessidade para pensar as concepções de gênero, orientação sexual e sexo biológico, não através de um viés instituído de forma preconceituosa ao longo da história, mas partindo de pensadores e estudiosos da temática. Desta ótica, percebe-se na maioria das falas sobre essas temáticas, que as pessoas costumam relacionar de forma intensa, uma profunda relação entre sexo biológico e gênero, o que na verdade segundo Jacqueline Gomes de Jesus é inexistente, quando afirma que:

Sexo é biológico, gênero é social. E o gênero vai além do sexo: O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a auto-percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente. (JESUS, 2012 p. 6)

Ao indagar os 20 (vinte) alunos participantes desta pesquisa, através da oficina intitulada “conhecendo o plural”, sobre o que eles entendiam em relação a sexo, gênero e orientação sexual, todos, sem exceção, responderam sobre concepções a respeito de sexo. Concordando uns com os outros responderam da seguinte forma:

Acho que sexo é o ato de manter relações tipo sexual com outra pessoa. (Resposta de dez alunos).

Sexo pra mim é o que todo mundo nasce, ou seja, ou homem ou mulher, tendo assim sexo masculino ou feminino. (Resposta de dez alunos).

Depois da concepção de sexo exposta pelos alunos, citamos para eles a definição de sexo segundo Jacqueline Gomes de Jesus, quando afirma que o mesmo é uma “Classificação biológica das pessoas como machos ou fêmeas, baseada em características orgânicas como cromossomos, níveis hormonais, órgãos reprodutivos e genitais.” (JESUS, 2012, p.13). Partindo disso salientamos que ao longo de todo esse trabalho usaríamos o termo sexo biológico para, exclusivamente, referir-se a essa concepção de JESUS (2012) e não referente ao ato sexual. Logo em seguida perguntamos aos alunos o que eles entendiam sobre gênero e devido à semelhança das respostas, apenas três delas tinham devidas distinções nas concepções:

Penso que gênero é quando as pessoas se comportam com maneiras femininas ou masculinas, homem e mulher. (Reposta de cinco alunos).

Gênero é quando as pessoas nascem ou como homem ou como mulher. (Reposta de onze alunos).

Acho que é quando as pessoas se definem como homem ou mulher, sendo assim seu gênero. (Reposta de quatro alunos).

Evidencia-se através da fala dos alunos que nas concepções deles sobre gênero estão relacionadas ao sexo biológico. Apenas quatro dos vinte alunos não veem o gênero como algo biológico. Da mesma forma, como acima citado, expomos a definição de gênero segundo Jacqueline Gomes de Jesus, quando diz que gênero é uma “Classificação pessoal e social das pessoas como homens ou mulheres. Orienta papéis e expressões de gênero. Independe do sexo.” (JESUS, 2012, p. 13). Perguntamos aos alunos participantes a concepção deles sobre orientação sexual, neste aspecto as respostas eram de forma similar, com exceção de dois alunos:

É como alguém nasce com atração sexual por homem ou mulher. (Reposta de dezoito alunos).

Acho que é quando alguém tem a opção sexual por homem ou mulher, ou até os dois. (Reposta de dois alunos).

Partindo da mesma premissa, citamos a definição da autora sobre orientação sexual, quando diz que a mesma é uma: “Atração afetivo-sexual por alguém. Sexualidade. Diferente do senso pessoal de pertencer a algum gênero.” (JESUS, 2012, p.15). Podemos, a partir das respostas dos alunos, evidenciar a grande lacuna que a ausência da educação sexual traz ao ambiente escolar, pois legitima nos alunos ideias e conceitos totalmente errôneos sobre gênero, orientação sexual e sexo biológico. Da mesma forma pudemos observar que a partir das exposições que fizemos aos alunos das definições de Jacqueline Gomes de Jesus sobre gênero, orientação sexual e sexo biológico, os mesmos, no decorrer da oficina, quando indagados sobre o que acharam das definições abordadas nas oficinas, responderam das seguintes formas¹:

Nunca pensei que o tema foi tão legal, gostei de ter aprendido, eu tinha uma visão errada e nem sabia. (Aluno A).

¹Foram ressaltadas as três respostas mais semelhantes às demais.

É interessante porque minha opinião formada era de que gênero e sexo era um ligado ao outro, eu fazia questão de defender isso e pensava que era a certa, hoje percebi que estava errado. (Aluno B).

Acho que se isso fosse mais falado nas aulas poderíamos ter na escola menos alunos preconceituosos. (Aluno C).

Percebemos dessa forma o quanto oficinas pedagógicas que abordem essas temáticas de forma dinâmica é enriquecedora para os alunos, pois se torna uma ponte entre a visão normativa que segrega e exclui os corpos das possibilidades de respeito às variadas formas de habitar o mundo, também denominadas de diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este trabalho, entende-se a tamanha importância da prática da educação sexual no ambiente escolar, não obstante, observa-se também que há um longo caminho a ser percorrido, caminho esse onde se precisa cada vez mais formar professores, gestores e toda a equipe pedagógica sobre o quanto é proveitoso para a escola se abrir para trabalhar as temáticas da educação sexual, até porque os alunos através desse processo de educação constroem novas formas de respeito às diferenças e vivência democrática. Como afirma Louro (1997, p. 58), “a escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o ‘lugar’ dos pequenos e grandes, dos meninos e meninas”.

É preciso, partindo desse pressuposto, repensar o modelo de educação que a escola diariamente reproduz e podemos, mais uma vez, a partir dessa reflexão, evidenciar a importância da educação sexual, de um processo que favoreça a desconstrução dos estereótipos e preconceitos contidos e reproduzidos nesta sociedade sexista e patriarcal. Também se faz necessário ressaltar que os corpos que na escola estão, precisam também passar pelo processo de desconstrução e assumir a postura de um corpo resistente, que se dá através do processo de conhecimento de si, perpassado por uma educação que constitua um empoderamento do ser.

Nesta perspectiva, se fez necessário conhecer as concepções dos alunos sobre gênero, orientação sexual, sexo biológico e desmistificar visões errôneas encontradas nas mesmas,

além de evidenciar as dificuldades de se trabalhar essas temáticas pelos professores. Uma boa educação sexual torna os alunos preparados para lutar no campo da escola e da sociedade em favor do respeito às diferenças e em prol de uma sociedade onde a exclusão não se consolide por repúdio aos corpos que não seguem um padrão normativo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Elizane de. **“Jogo do Strip Quizz”**: Análise dos conteúdos pedagógicos de educação sexual em um quadro do programa televisivo "amor & sexo". Mestrado Acadêmico em Educação. Universidade do Estado de Santa Catarina, 2011.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural, orientação sexual. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

COSTA, Priscila Carozza Frasson. **Os patamares de adesão das escolas à educação sexual**. Doutorado em Educação. Universidade de São Paulo, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A Guilhon Albuquerque. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2014.

JESUS, Jacqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Jacqueline Gomes de Jesus. Brasília, 2012.

JUNIOR, Jose Urbano Brochado. **Gênero em questão e vivências pedagógicas**: Relatos de profissionais da educação. Mestrado Acadêmico em Educação. Centro Universitário Moura Lacerda, 2012.

LOURO, Guacira. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma abordagem pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira. L. (org.) **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2 Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MULLER, Laura. **Educação sexual em 8 lições**: como orientar da infância à adolescência: um guia para professores e pais. 2 ed. - São Paulo: Academia do Livro, 2013.

RENA, Luiz Carlos Castello Branco. **Sexualidade e adolescência**: as oficinas como prática pedagógica. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

UNESCO. **Diversidade Sexual na Educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas – Junqueira, Rogério Diniz (organizador). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2009.